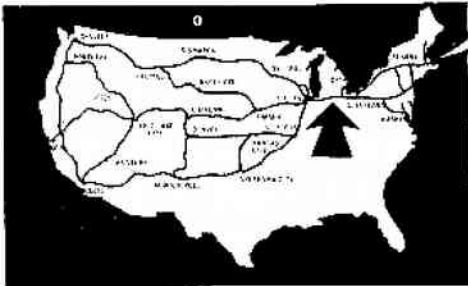
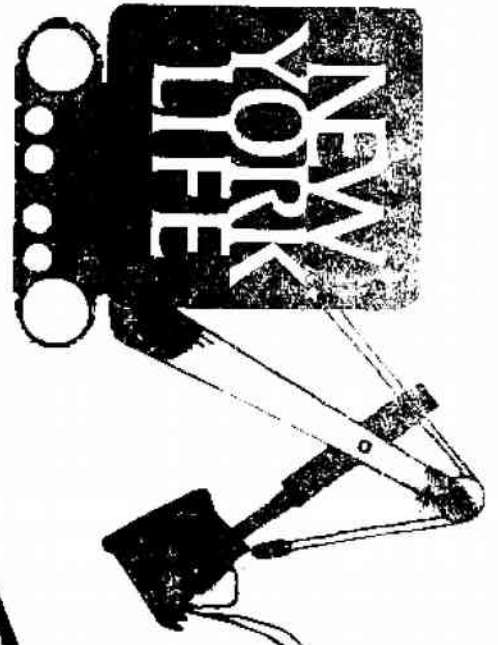


O FETICHE FALA!

Este é um mundo encantado



desmiolado



Virado às avessas

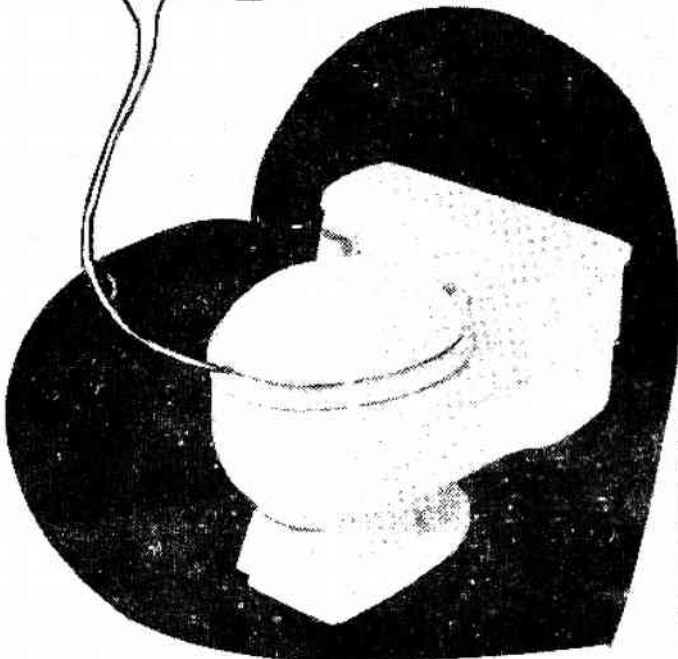
Em que o Senhor Capital

e a Senhora Terra



fazem seu passeio fantástico como personagens sociais e, ao mesmo tempo, como meras coisas.

Neste mundo, uma mercadoria é uma coisa muito estranha, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas.

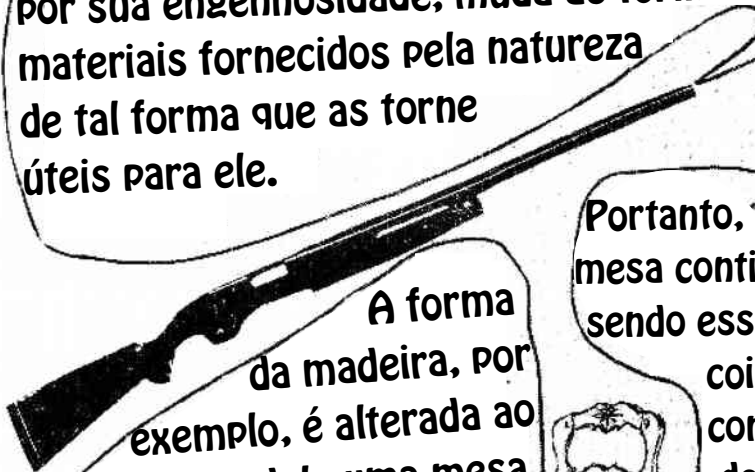


Como valor de uso, nada há de misterioso nela, se a considerarmos do ponto de vista de suas propriedades, ou seja, como capaz de satisfazer necessidades humanas.

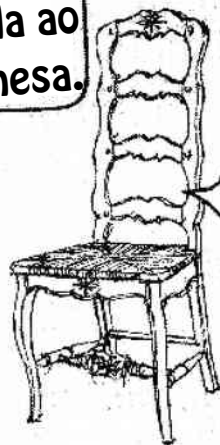
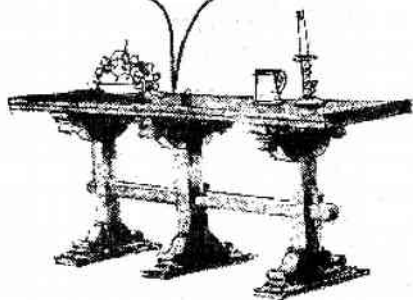
Ou do ponto de vista de que estas propriedades são produtos do trabalho humano.



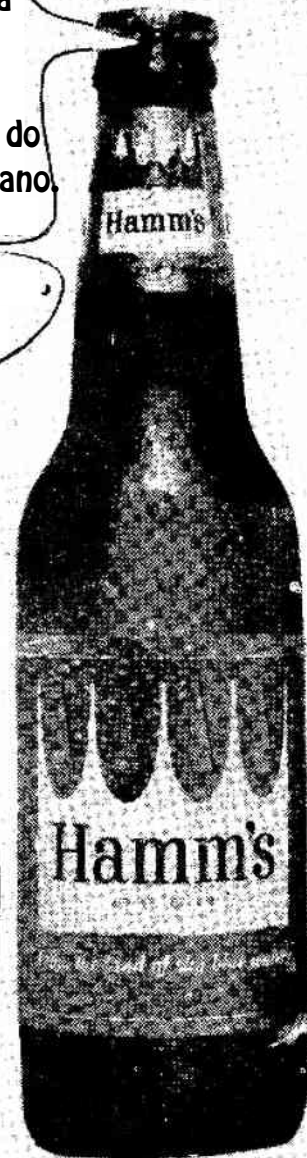
É claro como um dia límpido que o homem, por sua engenhosidade, muda as formas dos materiais fornecidos pela natureza de tal forma que as torne úteis para ele.



A forma da madeira, por exemplo, é alterada ao fazer dela uma mesa.



Portanto, a mesa continua sendo essa coisa comum do dia a dia, madeira.



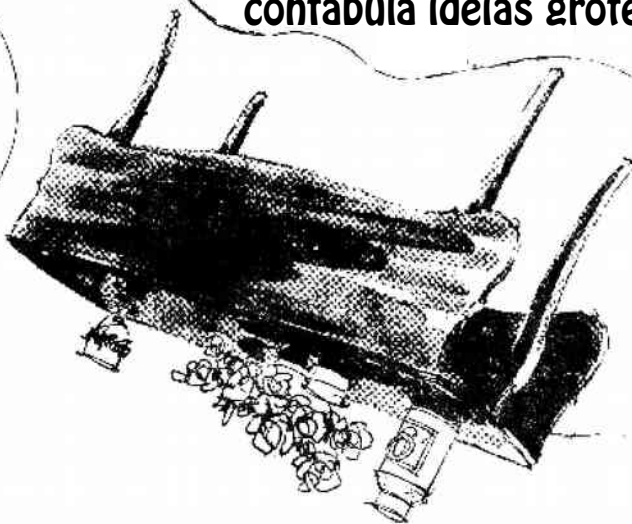


Mas tão logo ela apareça como mercadoria, ela se transforma em algo transcendente.

Ela não mais se apoia apenas com seus pés no chão,



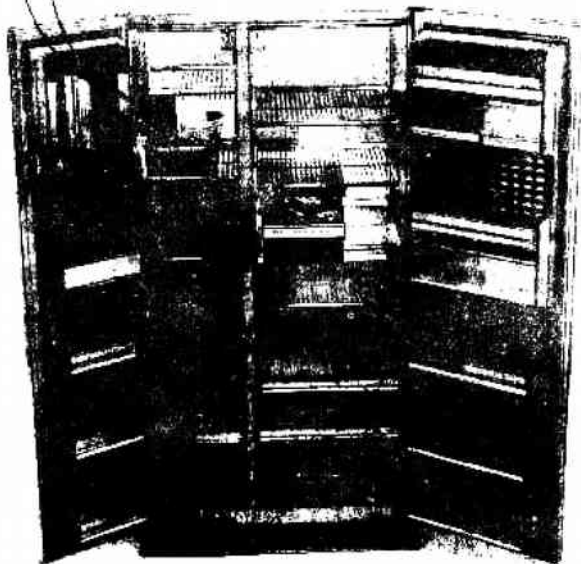
mas, em relação a todas as outras mercadorias, ela se ergue pelos seus cabelos e, com seu cérebro de madeira, confabula ideias grotescas.



A partir do momento em que os homens de algum modo trabalham uns para os outros, seu trabalho assume uma forma social.

Mas as relações mútuas dos produtores assume a forma de uma relação social entre seus produtos.

Uma mercadoria, portanto, é algo misterioso simplesmente porque nela o caráter social do trabalho dos homens aparece a eles como uma característica objetiva estampada nos produtos de seu trabalho.



Porque a relação dos produtores com a soma total de seu próprio trabalho é apresentada a eles como uma relação social que existe não entre eles, mas entre os produtos de seu trabalho.

É uma relação social definida entre os homens que assume, a seus olhos, a forma

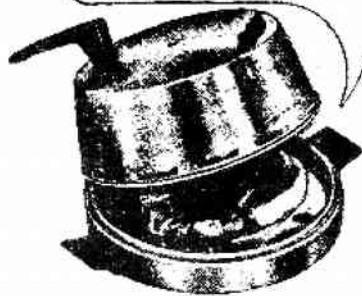
fantasmagórica de uma relação entre coisas.

A fim de encontrar uma analogia, devemos recorrer às regiões nebulosas do mundo religioso.

Nesse mundo, as produções do cérebro humano aparecem como seres independentes dotados de vida, e entrando em relações tanto entre si quanto com a espécie humana.



O mesmo acontece no mundo das mercadorias com os produtos das mãos dos homens.

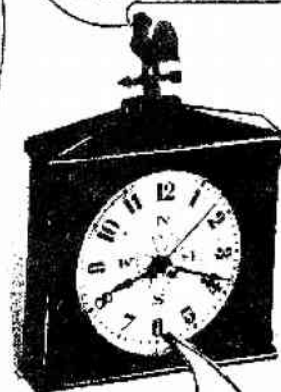


A isto dou o nome de fetichismo que adere aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias, e que é, portanto, inseparável da produção de mercadorias.



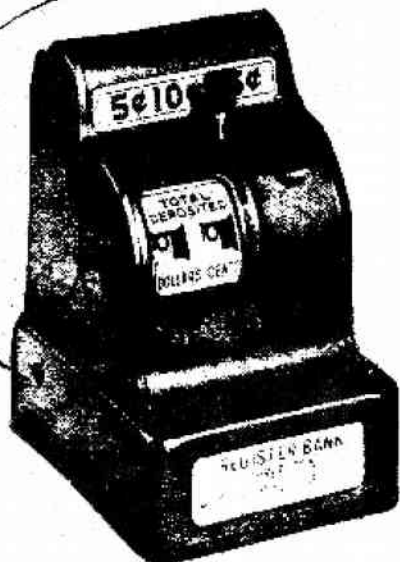
AUTOR

Esse fetichismo tem sua origem no caráter social peculiar do trabalho que as produz.



O trabalho do indivíduo se afirma como uma parte do trabalho da sociedade apenas por meio das relações que o ato de troca estabelece diretamente entre os produtos, e indiretamente, através destes, entre os produtores.

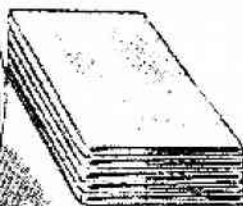
A forma dinheiro do mundo das mercadorias realmente oculta, no lugar de revelar, o caráter social do trabalho privado e das relações sociais entre produtores individuais.



Quando eu afirmo que botas e casacos mantêm uma relação com o linho, porque são encarnações universais do trabalho humano abstrato, o absurdo desta afirmação é evidente por si mesmo.



Mesmo assim, quando os produtores de casaco e botas comparam seus artigos com o linho



ou, o que é a mesma coisa, com ouro ou prata como equivalente universal, eles exprimem a relação entre seu próprio trabalho privado e o trabalho coletivo da mesma forma absurda.



As categorias da economia burguesa consistem em formas assim.



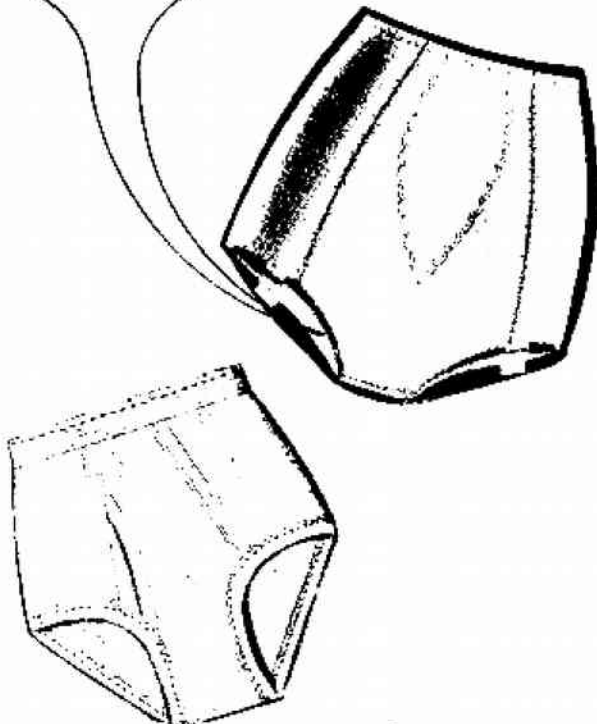
Elas são formas de pensamento que expressam com validade social as condições e relações de um modo de produção específico e determinado historicamente .



Ou seja, a produção de mercadorias.



Todo mistério das mercadorias, toda a magia e necromancia que cerca os produtos do trabalho quando eles tomam a forma de mercadorias,



desaparece tão logo olhemos para outras formas de produção.

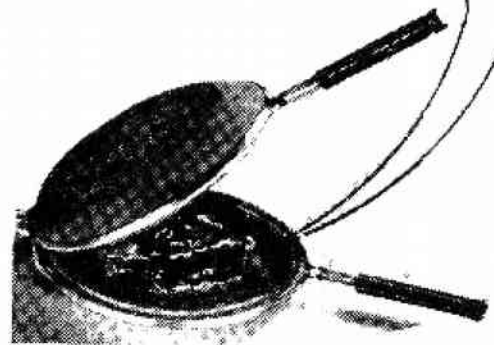
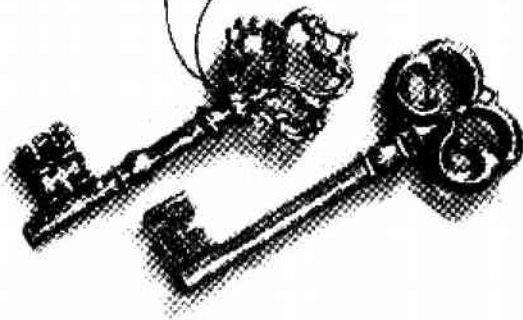


Para uma sociedade baseada na produção de mercadorias,



na qual os produtores em geral entram em relações sociais uns com os outros tratando seus produtos como mercadorias e valores,

e pela qual eles reduzem seu trabalho particular individual à abstração do trabalho humano homogêneo --

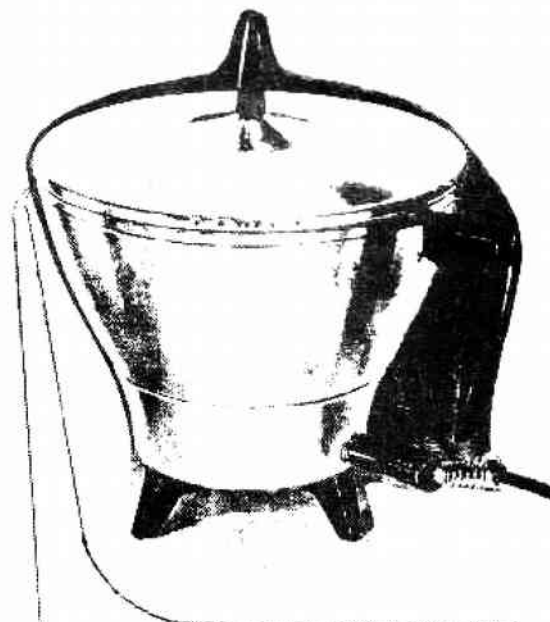


-- para uma tal sociedade, o cristianismo, com seu culto do homem abstrato,

especialmente em seu desenvolvimento burguês, o protestantismo, deísmo, etc, é a forma mais adequada de religião.



A fórmula que aparece estampada nelas diz com letras inconfundíveis que elas pertencem a um estado de sociedade no qual o processo de produção tem domínio sobre o homem, no lugar de ser controlado por ele --

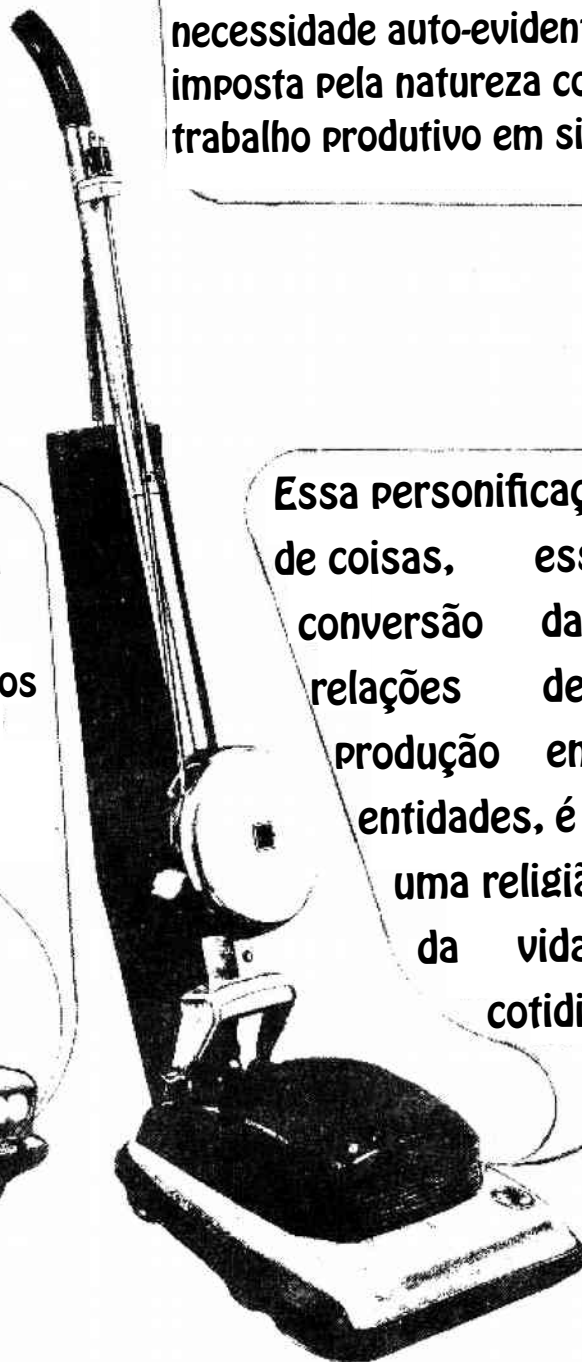


– tal fórmula aparece ao intelecto burguês como uma necessidade auto-evidente imposta pela natureza como trabalho produtivo em si.

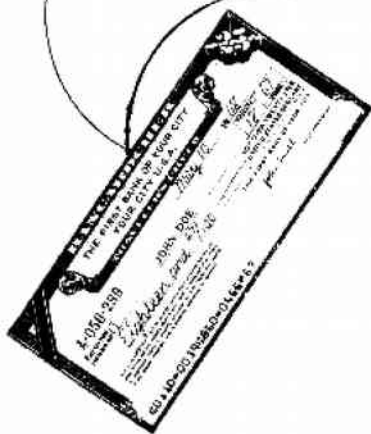
Consequentemente, as formas de produção social que precederam a forma burguesa são tratadas pela burguesia do mesmo modo como os Padres da Igreja tratavam as religiões pré-cristãs.



Essa personificação de coisas, essa conversão das relações de produção em entidades, é uma religião da vida cotidiana.



Os agentes de produção sentem-se perfeitamente em casa em formas estranhadas e irracionais.



capital-juros



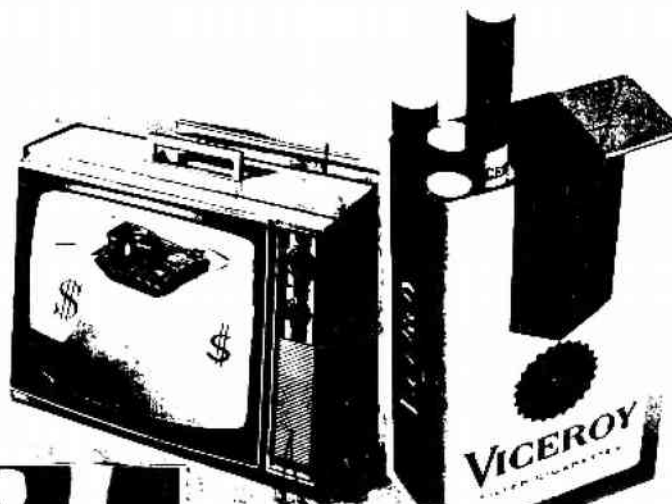
terra-renda



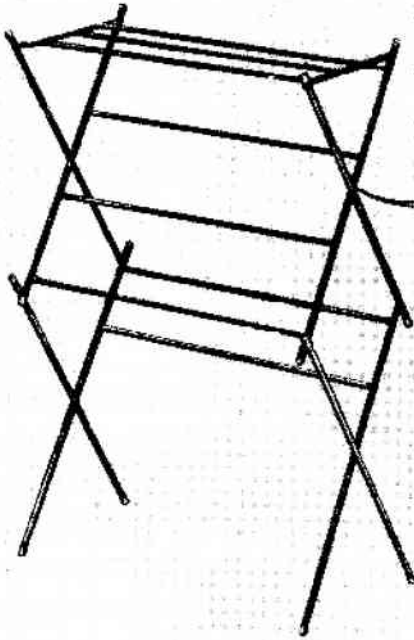
trabalho-salários



A economia nada mais é do que uma tradução didática, mais ou menos dogmática, das concepções do cotidiano dos agentes de produção arranjadas numa certa ordem racional.



Eles vêm nessa TRINDADE, que é desprovida de qualquer conexão interna, a base soberana, natural e indubitável de sua pomposidade superficial.



Essa fórmula simultaneamente corresponde aos interesses das classes dominantes

ao proclamar a necessidade física e eterna justificação de suas fontes de renda, elevando-as a dogma.



First printed in *Black & Red* No. 5, January 1969.

Reprinted in 1973 by
Black & Red
Box 9546
Detroit, Michigan 48202

Quadrinho elaborado por *Fredy Perlman*
a partir de trechos de *O Capital*, de *Karl Marx*.

Tradução ao português: *Flautista de Hamelin*
<http://manifestoeconomiadovicio.blogspot.com.br>

Revisão e edição: *Humanaesfera*
<http://humanaesfera.blogspot.com.br>
(Outubro de 2015)

O original em inglês pode ser encontrado em
<https://libcom.org/library/fetish-speaks-marxperlman>

